

**A ONG AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING DESCOBRE A CAVERNA MAIS PROFUNDA DO MUNDO EM QUARTZITO: O ABISMO GUY COLLET COM 670 METROS DE PROFUNDIDADE. RELAÇÃO PRELIMINAR**

*AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING ONG DISCOVERED THE DEEPEST CAVE OF BRAZIL, SOUTH AMERICA AND IT IS ALSO THE DEEPEST CAVE IN THE WORLD MADE OF QUARTZITE: THE GUY COLLET ABYSS, WITH 670 METERS OF DEPTH*

**Dra. Soraya AYUB**

Tecnical and Scientific projects

AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING Onlus

Casella postale F10 23827 Lierna Lecco Italy

[www.akakor.com](http://www.akakor.com) - [akakor@tin.it](mailto:akakor@tin.it)

**Abstract**

*Amazon 2006 Expedition - unknown lands – have been organized for the exploration of áreas with high speleological potential situated to the borders between Brazil and Venezuela.*

*After three years of searches and recognitions in one of the more inaccessible territories of the earth, Amazon (Brazil), the staff of AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING onlus has discovered and explored, on Brazilian highland at about 1300 meters of altitude; the Guy Collet Abyss, that with its 670 meters of depth, is the deepest cave of Brazil, of South America and deepest cave of the world in quartzite.*

*Thirty days of expedition with a careful and important logistics, have allowed to realize this event of absolute importance, overcome environmental and isolate conditions extremely difficult.*

**Introdução**

Depois de vários reconhecimentos realizados nos últimos quatro anos, foi realizada uma expedição espeleológica e de exploração em um altiplano de quartzito na fronteira do Brasil com a Venezuela: os *tepuys brasileiros* (chamados assim por apresentarem a característica feição morfológica em forma de mesa, *tepuy=mesa* na linguagem indígena Macuxi local. E' uma feição morfológica muito similar ao Auyantepuy na Venezuela.

O *staff AKAKOR* tinha interesse nesta zona porque através de expedições anteriores, tudo indicava que podia-se encontrar grandes desníveis, pois a zona apresenta um grande potencial espeleológico.

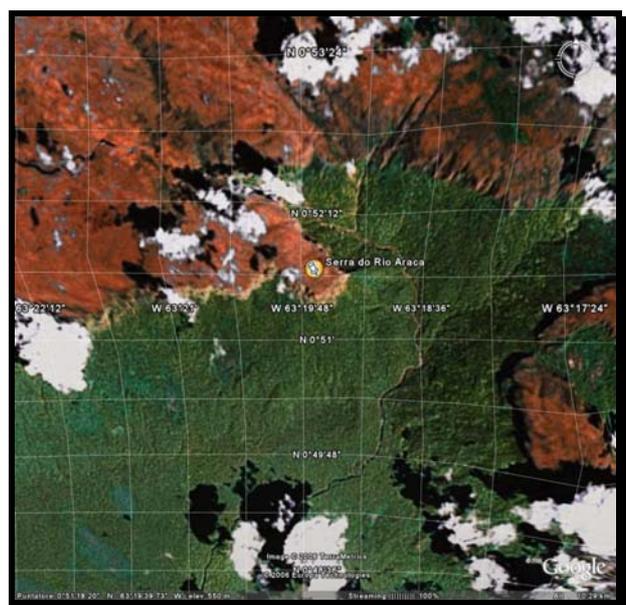
A *Expedição Amazonas 2006 – Terra misteriosa* – foi realizada nos meses de julho e agosto de 2006 onde o *staff* operativo da ONG **AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING** desembarcou em Manaus, subindo o rio Negro para chegar a Barcelos, onde através de barcos e trilhas tentou de aproximar-se dos nossos *tepuys*.

**Localização da área de estudo**

A área de estudo localiza-se no interior da Serra do Aracá, no noroeste do estado do Amazonas, já na fronteira do Brasil com a Venezuela, entre as coordenadas 63°19'41" e 63°21' de longitude W e as coordenadas 0°51'38" e 0°52'12" de latitude N, constituindo-se um exemplo típico de montanha tabular com

características muito similares a área do Monte Roraima e principalmente a do Pico da Neblina.

Toda esta região é conhecida pelos venezuelanos como Gran Sabana, sendo a área estudada situada a sudoeste deste grande relevo tabular. A altitude média do planalto vai dos 1050 metros de altitude aos 1300, apresentando uma área de maior elevação aquela do pico "Dedo de Deus".



**Figura 01**– Localização da área de estudo

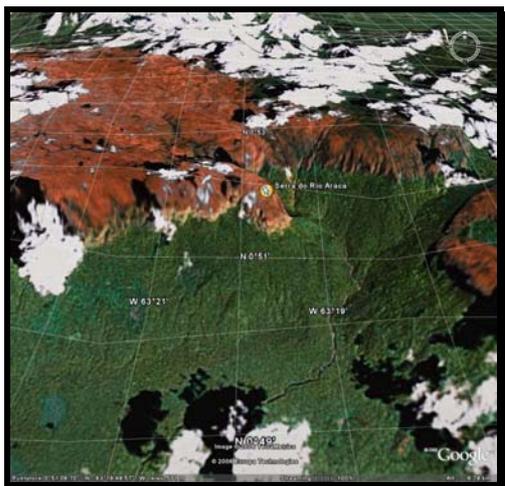


Figura 02– Localização da área de estudo

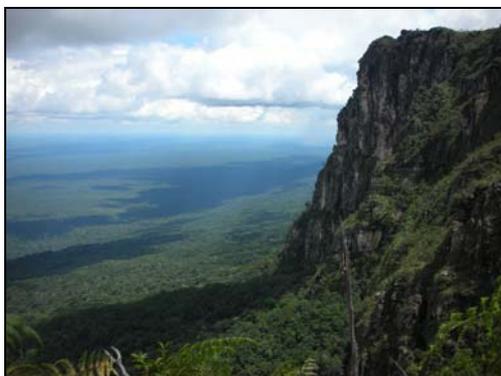


Foto 01 – Vista da Floresta Amazônica



Foto 02 – Vista do Dedo de Deus



Foto 03 - A serra do Aracá

### Transferimentos e acessos à área de estudo

Chegou-se em Barcelos com o “recreio” (embarcação coletiva utilizada nos rios da Amazônia) e logo depois todos os participantes da expedição dirigiram-se ao barco “Nossa senhora da Glória” (escolhido para o específico tipo de viagem). Com toda a equipe a bordo, (carregadores, cozinheiro, o guia indígena, motorista, prático e ajudante) a expedição partiu.



Foto 04 – “Recreio” que faz Manaus-Barcelos

Foi realizado um percurso de navegação, através de labirintos verdes, de aproximadamente 300 km, onde foi montado o primeiro campo base, nos pés da Serra do Aracá. Para alcançar o topo (1300 metros de altitude) foram necessários 3 dias de barco e outros 3 de percurso através de trilhas que foram abertas no momento da passagem da equipe, devido a área ser totalmente inexplorada e difícil de ser penetrada.

### Primeiros aspectos de geologia e geomorfologia da área estudada

A serra do Aracá constitui-se de um relevo tipo mesa ou *tepuy*, cujas rochas sedimentares marcam a fronteira entre Brasil e Venezuela.

Toda a região da “Gran Sabana” faz parte do craton sul americano chamada de Escudo da Guiana, constituindo um dos fragmentos de crosta continental mais antigas da superfície terrestre. As rochas ígneas e ultra-metamórficas que afloram na porção central do Escudo, apresentam idade radiométrica de 3,5 G.a.

A área de estudo apresenta rochas sílico-clásticas como quartzitos, ortoquartzitos e quartzoarenitos de uma granulometria médio a fina. São muito heterogêneos, muito intemperizados e apresentam muitos veios de quartzo, de coloração que vai do branco ao amarelo.



Foto 05 – rochas quartzíticas da Serra do Aracá



Foto 06 – barco “Nossa senhora da Glória” usado na travessia do Rio Negro

Devido a grande heterogeneidade das rochas presentes, o grau de erosão é bem alto, porém, não apresentam somente um processo evolutivo erosivo mas também interessante do ponto de vista da dissolução. Muitos autores chamam este tipo de relevo de pseudo-cárstico e alguns nos últimos anos estão tentando de provar que se tratam de verdadeiras formas cársticas, mas ainda existe muita discussão e controvérsia a respeito do assunto e nos reservamos a apenas descrever algumas formas interessantes encontradas como um nível de estalagmites em um dos salões do Abismo Guy Collet.

Toda a serra do Aracá, assim como toda a região da “Gran Sabana” é coberta por uma vegetação de savana estépica.

Do ponto de vista hidrologico, a zona superficial onde se encontra o Abismo Guy Collet apresenta um pequeno rio que desagua em uma cachoeira ao norte do Altiplano do Aracá.

### A expedição

O primeiro dia de viagem no barco grande foi de grande importância para uma coesão de todo o *staff* e a equipe de apoio onde foram discutidos vários pontos-chaves do programa. Também foram calibrados todos os equipamentos como GPSs, equipamentos de medição físico-química, rádios de comunicação, etc.

Dois dias de viagem, rio acima e atracou-se o barco grande. Com duas voadeiras entrou-se em um igarapé em direção da Serra do Aracá. A subida em 12 horas não pôde ser mais rápida devido aos vários troncos de árvores caídos que atravessavam o pequeno rio. A cada um destes devia-se descer das embarcações e com grandes machados ou uma moto serra os carregadores se encarregavam de cortá-los e abrir a passagem para os barcos passarem.



Foto 07 – Subida do igarapé com as voadeiras até o pé da Serra do Aracá



Foto 08 – Subida do igarapé com as voadeiras até o pé da Serra do Aracá

Ao final do dia chegou-se no ponto em que os barcos foram atracados e montou-se o campo base 1. No dia seguinte, depois de um dia inteiro de travessia na mata chegou-se apenas ao campo base 2, no pé da Serra.

O calor e a umidade eram elevados e fazia com que os participantes da expedição tornassem cansados e sem ânimo. Existia também a

problemática de insetos e de animais que circundavam os acampamentos.

A subida da serra foi realizada em um dia devido ao fato que o último trecho foi equipado com cordas e com longes para que os carregadores pudessem conseguir atingir a parte alta. Foi montado o campo 3 no final do dia, sob uma temperatura mais amena de 15 graus.

O primeiro dia na serra foi designado para montagem dos equipamentos de medidas de temperatura e umidade na estação meteorológica externa, montagem dos equipamentos de comunicação e de um reconhecimento do terreno superficial da zona de estudo. Dali podia-se ver à distância, toda a floresta amazônica. Neste reconhecimento foram observados alguns problemas como a presença de vegetação baixa e muito dura não permitindo um deslocamento veloz a pontos mais distantes do campo base e também problemas de mudanças meteorológicas repentinas onde se tornava difícil realizar previsões do tempo mais apuradas.

Nos outros dois dias foi realizada uma exploração sistemática de prováveis cavernas na região dividindo-se em três grupos: um permanecia no campo base para organizar o sistema de comunicação e predispor um possível resgate; os outros dois grupos dividiram-se em dois setores procurando cavernas e usando um sistema de varredura. Estes dois primeiros dias deram já resultado onde foram identificadas três possíveis cavernas, cuja uma, depois de uma rápida entrada nos primeiros salões (era preferencialmente horizontal) parecia apresentar um bom pontencial. Durante estes trabalhos não foi usado equipamento de vertical.

Nos dias consecutivos a equipe tornou a explorar melhor duas cavernas encontradas próximas ao campo base, porém não apresentavam potencial e por isso o trabalho de ambas foi abandonado. Por isto iniciou-se a exploração da terceira caverna encontrada mais distante do campo base, que foi chamada de gruta do Curupira, cuja qual a topografia apresenta 190 metros de desenvolvimento e 80 metros de projeção vertical.

Enquanto isso, a equipe de apoio estava procurando prováveis cavernas numa área mais distante do campo base, situada na zona norte da área de estudo: o resultado é que encontraram entradas de possíveis cavernas na área explorada.

No dia seguinte, junto com o guia indígena Tatanca Nara, toda a equipe de ponta de exploração da *Expedição Amazonas 2006*, composta pelos espeleólogos Lorenzo Epis, Alessandro Anghileri e

Marcelo Brandt se deslocou com os equipamentos de vertical para verificar as cavidades encontradas.

A que parecia ser mais interessante do ponto de vista espeleológico foi o Abismo Guy Collet que prometia um grande potencial, apresentando nos primeiros metros vários abismos dos quais 5 negativos. Decidiu-se deslocar todo o campo base próximo a entrada da caverna.



**Foto 09** – campo base próximo a entrada da caverna em exploração (no fundo o pico “Dedo de Deus”)

Um grande problema enfrentado pela expedição foi a instalação das ancoragens pois a rocha quartzítica apresenta grande dificuldade para bater os *spits*. No início, foi necessário jogar fora alguns, mas ao longo da exploração a rocha foi-se demonstrando mais segura para a instalação dos mesmos. Por uma questão de falta de um possível resgate “imediato” por não haver uma outra equipe específica de exploração, todas as ancoragens foram realizadas com a máxima segurança possível, privilegiando no caso de uma emergência, o auto-resgate.

A entrada da caverna se apresenta em meio a savana onde a vegetação se apresentava mais alta de toda a área de estudo. Era constituída de um portal no meio de uma parede de quartzito e dali já se partia para um negativo de 35 metros, que era iluminado pela luz do dia quase que totalmente.

Ao fundo havia um patamar de uns 6 metros quadrados, o único nível topográfico positivo de toda a exploração. Descendo um outro poço de 60 metros deparou-se com um salão onde foram encontradas estalagmites e estalactites, mas não se podia prosseguir dali. Tornando-se ao ponto de partida verificou-se uma via que continuava a descer. Foram nove abismos, um depois do outro, dos quais 5 negativos.

Continuando a descida em um trabalho frenético, naquele que parecia um zig-zag

interminável; arma daqui, uma outra ancoragem ali, e um outro fracionamento... E' uma caverna muito técnica, com algumas passagens com afunilamentos e quebra-corpos. Verificava-se a cada descida a soma preliminar dos desníveis da topo realizada.



Foto 10 – trabalho de ancoragem em um dos fracionamentos da caverna



Foto 11 – entrada da caverna mais profunda do Brasil, da América do Sul e a mais profunda em quartzito do mundo

Continuando a descida em um trabalho frenético, naquele que parecia um zig-zag interminável; arma daqui, uma outra ancoragem ali, e um outro fracionamento... E' uma caverna muito técnica, com algumas passagens com afunilamentos e quebra-corpos. Verificava-se a cada descida a soma preliminar dos desníveis da topo realizada.

Um ótimo trabalho realizado foi aquele da equipe logística que já tinha deixado as cordas todas marcadas de 20 em 20 metros. A topografia foi realizada em um segundo momento, mas já em exploração se podia fazer uma previsão das profundidades dos abismos.

Mas sempre o trabalho mais árduo é aquele de armar. Fracionamento, descida, fracionamento, descida, fracionamento, descida.

A caverna iniciou a estreitar-se.

Desce, escorrega, desce, escorrega, 670 metros de profundidade e a caverna termina num laguinho de fundo contituído de rochas impermeáveis.



Fotos 12 e 13 – entrada da caverna mais profunda do Brasil, da América do Sul e a mais profunda em quartzito do mundo



Foto 14 – lago que se encontra no final da caverna (670 metros de profundidade)



O abisso foi chamado de Guy Collet, homenagem ao grande mestre da espeleologia e amigo do grupo que deixou a dois anos atrás, todos com muitas saudades.

Tira uma chapeleta daqui, tira outra de lá, vai perdurando aquele monte de mosquetões na cadeirinha e o trabalho de desarmar a caverna ia se realizando. A subida durou 6 horas.

O trasferimento de volta se deu em 6 dias, mas um imprevisto com o motor do barco bloqueou a equipe no meio do rio. Somente depois de 3 dias passou um barco que conseguiu rebocar o *staff* e os carregadores até Barcelos.

#### O Abismo Guy Collet

O abismo Guy Collet é uma cavidade que se desenvolveu em uma fenda aberta através de processos de dissolução e erosão com predominância do primeiro.

Se trata de uma caverna predominantemente vertical apresentando 32 descidas dos quais 11 são negativos (entre eles abismo Tatunca Nara de 65 metros, abismo Akakor de 118 metros, abismo Akakim de 53 metros, etc). Existe apenas um trecho de topografia que não se apresenta negativo mas sim ligeiramente positivo. Este foi o patamar entre os pontos 3 e 4 utilizado como plataforma de base das explorações uma vez que o campo base se transferiu para lá.

A caverna é de um nível técnico bastante elevado e de perigo constante pois existem vários pontos com grande possibilidade de desmoronamentos.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com a utilização de fotografias aéreas, imagens de satélite

e mapas cartográficos em várias escalas que foram verificados através de medidas realizadas com GPS Garmin.

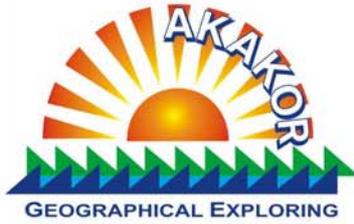
O trabalho topográfico foi realizado utilizando-se de bússola e clinômetro, ambos de marca Suunto e precisão de 0,5 grau, trena em PVC e planilha de anotações. O software utilizado para inserimento dos dados foi o COMPASS. Os desenhos realizados por Lorenzo Epis e digitalizados por Stefano Bottega e Soraya Ayub.

Os dados do abisso Guy Collet foram enviados e inseridos no CNC – Cadastro Nacional de Cavidades da SBE – Sociedade Brasileira de Espeleologia.

#### Agradecimentos

Agradecemos a colaboração, através do trabalho de parceria, do Gruppo Speleológico de Montecchia di Corsara, Verona, Itália. Agradecemos imensamente os nossos amigos COMVITEA (Itália), NUTRIMENTAL (Brasil) e TESTO (Itália) por acreditarem no nosso sonho e de ter ajudado a tornar-lo possível.

Por último e não menos importantes gostaríamos de agradecer aos nossos seguintes colaboradores: Secretaria de Turismo de Barcelos, SBE – Sociedade Brasileira de Espeleologia, SSI – Società Italiana di Speleologia, FEALC – Federação Espeleológica dos países da América Latina e do Caribe, IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis e CECAV – Centro Nacional de Estudos, Proteção e Manejo de cavernas.



<b>Abismo Guy Collet</b>	
AKAKOR GEOGRAPHICAL EXPLORING PROJETO AKAKOR	
Data:	09/08/2006
Equipe:	Lorenzo Epis Alessandro Anghileri Marcelo Augusto Zeni Brandt Francisco Farias Alves
Desenvolvimento:	896,4 m
Desnível:	670,6 m
Desenho:	Lorenzo Epis
Digitalização:	Stefano Bettega e Soraya Ayub
Localização:	Barcelos-AM, Brasil
Coordenadas:	N 00°51'22.44" W 63°22'17.46" (WGS72)
Altitude:	1138 m
Precisão:	4C BCRA

